
A FENOMENOLOGIA: UM ENFOQUE METODOLÓGICO PARA ALÉM DA MODERNIDADE

ARTIGO

Alex Coltro

Professor do Departamento de Administração de Empresas da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo de inúmeras disciplinas, particularmente de Filosofia e Administração – O conhecimento em administração. Doutorando em Administração pela FEA/USP; Mestre em Administração pela FEA/USP; Bacharel em Filosofia, Administração e Engenharia de Produção

RESUMO

Este artigo procura demonstrar/caracterizar alguns aspectos fundamentais do enfoque metodológico denominado de Fenomenologia, apresentando-o, inicialmente, em suas importantes origens históricas, seus fundadores e principais pensadores representantes e, posteriormente, caracterizando mais particularmente a natureza mais profunda e rica desta maneira de produzir conhecimento científico nas esferas humanas. Ressalte-se que foi tal enfoque epistemológico que criou uma natureza própria e original das denominadas ciências humanas, assim possibilitando o seu re-fundamento e expansão tal qual hoje são conhecidas.

Feitas tais considerações, apresenta-se uma sugestão de pesquisa científica para ambientes organizacionais com este enfoque metodológico objetivando, dentre inúmeros aspectos, possibilitar/facilitar aos leitores-pesquisadores virem a trabalhar com este enfoque metodológico, algo, normalmente, pouco comum uma vez que tal densidade conceitual é tida como complexa e hermética para os não iniciados.

INTRODUÇÃO

Toda e qualquer construção científica é humana em sua natureza, uma vez que é resultante da atividade dos seres humanos de buscar conhecer com maior certeza e acuidade, apesar de todas as dificuldades existentes (sociais, epistemológicas e gnoseológicas) neste esforço construtivo e que nem sempre torna tais certezas possíveis, conforme bem ilustra PRYGOINE (1997). No entanto, a expressão ciências humanas refere-se àquelas ciências que têm o ser humano como objeto de conhecimento, o que determina um posicionamento altamente especial para as mesmas - este objeto de pesquisa é bastante recente, tendo surgido tal idéia apenas no fim do século XIX: até então, tudo o que se referia ao humano estava na alçada da Filosofia.

Este momento histórico, que presenciou o surgimento destas denominadas ciências, tinha de

forma prevalecente uma concepção empirista e determinista da própria noção de ciência, o que fez com que os chamados cientistas sociais da época objetivassem tratar as coisas humanas também com este enfoque majoritário baseado em modelos hipotético-dedutivos e experimentais que buscavam a determinação de leis causais necessárias e universais para os fenômenos humanos.

Tal situação gerou produções acadêmico-científicas que operavam metodologicamente por analogia com as denominadas ciências naturais e que acabaram por promover muitas contestações e pouca cientificidade, levando mesmo inúmeros cientistas e filósofos a desacreditarem da possibilidade da existência das chamadas ciências humanas.

Tal situação, em termos de construção científica, necessitava ser profundamente revista e, conseqüentemente, ser repensada a fundamentação epistemológica e gnoseológica das ciências humanas, particularmente as sociais que são objetos de preocupação deste artigo. A seguir, apresentar-se-á um dos caminhos alternativos aos modelos até então utilizados.

AS CIÊNCIAS SOCIAIS: UM REINÍCIO JÁ AMADURECIDO

As ciências sociais consideram o ato social como unidade básica e admitem que o homem pode compreender as suas próprias intenções bem como interpretar os motivos da conduta de outros homens. Assim, elas se voltam para um particular fenômeno significativo apreendido em uma totalidade intersubjetiva.

No entanto, segundo MOURA CASTRO (1977), "...as ciências humanas estão envolvidas com significativas dificuldades metodológicas decorrentes da complexidade inerente aos fenômenos humanos - o humano é sensível, afetivo, valorativo e opinativo; a experimentação é difícil, porém não impossível; o processo de observação pode ser de caráter externo e também introspectivo; há grandes riscos de

subjetividade em todo o processo, bem como a ação humana é caracterizada pelo livre-arbítrio. Tudo isto não deve ser empecilho intransponível à pesquisa cientificamente embasada, haja vista que a metodologia tem como objetivo ajudar a compreensão, nos mais amplos termos, não dos produtos da pesquisa, mas do próprio processo.” (p.48)

Segundo SCHUTZ, Alfred *apud* CAPALBO (1979, p.35), "... há uma diferença básica entre as estruturas do mundo social e do natural: no social a realidade é dificilmente mensurável e a experimentação é quase impossível, [onde o pesquisador atua utilizando-se de métodos compreensivos]." Assim, os fenômenos que não prestam a uma fácil quantificação são os mais apropriados para serem analisados pelos métodos e procedimentos da pesquisa qualitativa que, diferentemente da pesquisa quantitativa, "busca uma compreensão particular daquilo que estuda... ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis... o foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão." (MARTINS e BICUDO, 1989, p. 23).

Os métodos de pesquisa devem ser selecionados, ajustados e desenvolvidos a partir de uma compatibilidade com a natureza do fenômeno estudado. Dentro das opções metodológicas disponíveis, o enfoque fenomenológico-hermenêutico constitui uma adequada alternativa à discussão dos pressupostos tidos como naturais, óbvios, na ação humana, haja vista que "ater-se ao que é dado na experiência, não significa reduzir-se à experiência sensível," de acordo com ASTI-VERA (1980, p.62). E segundo RAY (1994, p.120), "...na fenomenologia o ego do pesquisador é o maior instrumento para a coleta de dados...[e este] não procura a evidência como ela se dá em si mesmo enquanto originária, mas ao invés disto abre horizontes pela descoberta das pressuposições a respeito do fenômeno."

O método fenomenológico caracteriza-se pela ênfase ao "mundo da vida cotidiana" - um retorno à totalidade do mundo vivido. Este método possui uma abordagem que não se apegue tão somente às coisas factualmente observáveis, mas visa a "... penetrar seu significado e contexto com um refinamento e previsão sempre maiores", de acordo com BOSS, (1979, p.3-4), utilizando-se de procedimentos que levam a uma compreensão do fenômeno por meio de relatos descritivos da vida social, e que, segundo MARTINS e BICUDO (1989), são, particularmente, utilizados pelos pesquisadores quando voltados para os fundamentos filosóficos de algum fenômeno, como por exemplo, as questões a respeito da racionalidade e da ética das ações sociais.

Este enfoque metodológico deve ser desenvolvido dentro de uma postura filosófico-crítica, como

apresentado em SCHRADER (1971), e que pode ser caracterizada dentre outros aspectos, pelos seguintes:

- opera-se intencionalmente voltado aos princípios subjacentes à ação humana, perguntando-se sobre o racional e o irracional na realidade social;
- a valoração do objeto de investigação não é excluída, mas colocada conscientemente no início do processo de investigação: a racionalidade é tida como um dos valores fundamentais do pensamento e da existência ética humana.

Desta feita, de acordo com MASINI (1982, p.46), "...essa postura implica na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade [da ciência]; obriga o pesquisador a assumir plenamente a vontade e a intencionalidade de rever os próprios valores e atitudes que contribuem para a manutenção do *status quo* atual."

SOBRE O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

De acordo com MASINI (1989), não existe o ou um método mas uma postura/atitude fenomenológica - a atitude de abertura (no sentido de estar livre de conceitos e definições apriorísticas) do ser humano para compreender o que se mostra, buscando remontar àquilo que está estabelecido como critério de certeza, assim questionando os seus fundamentos. Essa afirmação é corroborada por SANDERS (1982, p. 353) que atesta que "não existe nenhum procedimento ortodoxo que pode ser mantido e assegurado como o método fenomenológico".

Tal postura/atitude fenomenológica corresponde sobremaneira às questões de natureza não-fáticas voltadas para as ciências sociais, haja vista que "a objetividade da ciência do homem é uma objetividade diferente: os seres humanos não são objetos e suas atividades não são simples reações. Em síntese, a relação básica, neste caso, não é de sujeito-objeto, mas de sujeito-sujeito." (ASTI-VERA, 1980, p.77).

Enquanto escola de pensamento contemporâneo, a denominada fenomenologia possui como precursor Franz Brentano, sendo, no entanto, considerado o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) quem formulou as principais linhas desta abordagem e que abriu caminho para outros pensadores contemporâneos como M. Heidegger, K. Jaspers, J. P. Sartre, M. Merleau-Ponty, dentre outros. HUSSERL *apud* ASTI-VERA (1980, p.62) afirmava que, "se um conhecimento positivo é entendido como absolutamente isento de pré-juízos e baseado exclusivamente no dado, então o método fenomenológico é o único estritamente científico e positivo". Husserl orienta-se para enfrentar a situação criada pelo positivismo no tocante à crise da filosofia, das ciências e das ciências humanas,

buscando repensar os fundamentos desses conhecimentos e demonstrar suas viabilidades.

Para REZENDE (1990, p. 29), “a fenomenologia não é um discurso da evidência, mas da verdade em todas as suas manifestações.”

De acordo com BOSS (1977, p.7-8), um método pode ser chamado de fenomenológico “...quando em seu enfoque ele se detém exclusivamente nos fenômenos a estudar. Assim, tal método visa somente trazer à luz de modo cada vez mais diferenciado, o que se mostra dos próprios fatos observados, o que se apresenta por si mesmo ao observador e ouvinte.”. Já de acordo com MARTINS (1994a, p.26-27) “...o método fenomenológico-hermenêutico caracteriza-se pelo uso de técnicas não quantitativas, com propostas críticas, ... buscando relacionar o fenômeno e a essência (*eidós*)... A validação da prova científica é buscada no processo lógico da interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno objeto do seu estudo.” (o aspecto hermenêutico do enfoque será comentado a *posteriori*).

SANDERS (1982, p.353) complementa arguindo que a fenomenologia “...procura tornar explícita a estrutura e o significado implícito da experiência humana.”

MASINI (1989, p.66), por sua vez, apresenta a fenomenologia como tendo enquanto objeto de estudo, o próprio fenômeno, ou seja, as coisas mesmas e não o que se diz delas. “O enfoque [fenomenológico-hermenêutico] furta-se à validação do já conceituado sem prévia reflexão e volta-se para o não pensado, através de uma reflexão exaustiva sobre o objeto do seu estudo, denunciando os pressupostos subjacentes.”

Para TRIVIÑOS (1992, p.43), a fenomenologia “é o estudo das essências, buscando-se no mundo aquilo que está sempre aí, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço repousa em encontrar este contato ingênuo com o mundo.” Esta busca da essência carece de toda referência que não seja a de sua pureza enquanto fenômeno, de modo que outros componentes (por exemplo, de natureza históricos) estão eliminados.

Ao promover um isolamento do fenômeno em foco, dentro do seu contexto, o estudo do fenômeno permite questionar e discutir os pressupostos tidos como naturais, óbvios, da intencionalidade do sujeito frente à realidade de sua ação.

Aplicado à pesquisa na esfera social, “... é uma exposição do mundo vivido através de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem outras explicações causais. Trata-se de descrever e não de explicar nem de analisar.. pois para Husserl ... todo o universo da ciência (social) é construído sobre o mundo vivido... buscando ...a fenomenologia colocar

as idéias básicas e em seguida tratar de esclarecê-las” (TRIVIÑOS, 1992, p.43).

A pesquisa fenomenológica parte da compreensão do viver e não de definições ou conceitos, e é uma compreensão voltada para os significados do perceber, ou seja, “...para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais se expressam pelo próprio sujeito que as percebe”, segundo MARTINS e BICUDO, (1989, p. 93). Esta compreensão, que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar, é advinda, segundo MASINI (1989, p.62), da “... volta ao mundo da vida, no confronto com o mundo dos valores, crenças, ações conjuntas, no qual o ser humano se reconhece como aquele que pensa a partir desse fundo anônimo que aí está e aí se visualiza como protagonista nesse mundo da vida.”

Esse método tem como objeto de investigação o fenômeno, ou seja, o que se mostra a si e em si mesmo tal como é. Como principal instrumento de conhecimento, o método adota a intuição, uma vez que, segundo Husserl, as essências são dadas intuitivamente. Esta intuição pode ser compreendida como uma visão intelectual do objeto do conhecimento, onde visão significa uma forma de consciência na qual se dá originariamente algo - é o fundamento último de todas afirmações racionais.

Desta feita, “...as investigações fenomenológicas mostram a consciência do sujeito, através dos relatos de suas experiências internas, e trata de viver em sua consciência - por empatia - os fenômenos relatados pelo outro.”, segundo ASTI-VERA, (1980, p.71). Esta empatia, de acordo com MARTINS e BICUDO (1989, p.53), “...é uma essência que não se dá primordialmente àquele que percebe, mas é um ato intencional - empatia é uma penetração mútua de percepções.”

A fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência, enfatizando a experiência pura do sujeito, e, segundo REZENDE (1990), “...não ensina uma dialética unidimensional mas polissêmica”. Segundo o mesmo autor, esta interpretação se faz na forma de um conflito de interpretações, conflito este indispensável para que a interpretação se aproxime o mais possível da estrutura simbólica do fenômeno. Já, segundo BECK (1994, p.02), esta experiência pura do sujeito “... não é limitada à consciência sensorial como na ciência tradicional. Ao invés disto, a experiência incorpora múltiplos modos de consciência como uma evidência integral e que se referem aos princípios de intencionalidade.”

Na fenomenologia a intencionalidade ou referência intencional da consciência do pesquisador é tida como fato primário e irredutível e apresentada como uma

direção do fluxo da consciência, refletida em uma vivência intencional que se concretiza pelos atos voltados ao seu objeto de indagação.

QUANTO À HERMENÊUTICA...

O aspecto hermenêutico deste enfoque metodológico pode ser compreendido por uma metáfora cuja figura é um círculo representado por atividades que englobam a compreensão do fenômeno, a sua interpretação e, posteriormente, nova compreensão, voltando a se repetir. De acordo com COHEN e OMERY (1994, p.148), a “hermenêutica como um método de pesquisa assenta-se na tese ontológica de que a experiência vivida é em si mesmo essencialmente um processo interpretativo. A tarefa fenomenológica é uma auto-interpretação explicitamente ontológica” iluminando os modos de ser no mundo, onde o entendimento da interação entre as pessoas é interpretado através do uso da linguagem.

Segundo DARTIGUES (1992, p.132), “...a fenomenologia-hermenêutica deverá decifrar o sentido do texto da existência, esse sentido que precisamente se dissimula na manifestação do dado... não mais se contentando em ser descrição do que se dá ao olhar, mas interrogação do dado que aparece.” Compreender transforma-se em um modo de ser e não somente de conhecer.

Assim, nota-se que o método fenomenológico-hermenêutico propõe uma reflexão exaustiva, constante e contínua sobre a importância, validade e finalidade dos questionamentos, indagações e respostas obtidos. Apresenta-se como de natureza exploratória, ou seja, como interpretação aberta a outras interpretações, muitas vezes conflitantes e que marcam o seu caráter polissêmico, sendo este o maior sinal de sua fertilidade. A aplicação deste método, segundo MASINI (1982, p.36), “requer um exercício longo e paciente... bem como uma reflexão constante... para ser possível estar-se atento às referências qualitativamente significativas, buscando ver sem preconceitos aquilo que se apresenta.”

Dito isto, como a essência do social pode ser apreendida enquanto objeto que se propõe ao conhecimento fenomenológico?

O MÉTODO FENOMENOLÓGICO - HERMENÊUTICO APLICADO ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS

De acordo com CAPALBO (1979, p.13), “...o trabalho e o pensamento de Alfred Schutz é extremamente importante e original na fundamentação do método sociológico-compreensivo”. E este pensamento será o principal mentor deste tópico.

Para o fenomenólogo, o objeto percebido é tema que se põe à consciência quando esta se volta para ele. É esta percepção externa que se torna assunto para sua reflexão e frente à qual poderá afirmar a existência do objeto.

Husserl propôs a volta às coisas mesmas, isto é, a volta às essências (*eidós*), pelo enfoque fenomenológico, que faz emergir a essência como uma construção resultante do ato intencional da consciência. Do ponto de vista metodológico, Husserl parte do eu e posteriormente das relações entre as pessoas.

Para FORGHIERI (1993, p.19), “o mundo recebe o seu sentido não apenas a partir de constituições de um sujeito solitário, mas do intercâmbio entre a pluralidade das constituições dos vários sujeitos existentes no mundo, realizado através do encontro que se estabelece entre eles.”

A experiência do outro, esta experiência intersubjetiva, tem como principal base a cooperação enquanto formadora da vida social. Esta mesma cooperação está presente na vida cotidiana e na ciência, tornadas possíveis graças ao engajamento de todos os tipos de faculdades pertencentes à pluralidade de sujeitos reais.

A compreensão do mundo social reenvia à intersubjetividade, e, para a fenomenologia, as ciências sociais devem conhecer o mundo social tal como ele é vivido na atitude natural, precisando para isto adotar o ponto de vista compreensivo, o único capaz de apreender as coisas sociais enquanto significativas, e significativas graças à ação dos atores da cena social nas suas funções típicas. Segundo BOSS (1979, p.58), “a significação e compreensão só existem no domínio das relações motivadas que constituem a vida humana”. Estas relações quando dirigida ao “...outro numa maneira envolvente e significativa, é o que [Martin] Heidegger chama de solicitude que indica as características básicas de se ter consideração pelo Outro e de se ter paciência para com o Outro. Ter consideração e paciência não são princípios morais, mas encarnam a maneira como se vive com os outros através das experiências e expectativas” (SPANOUDES, 1981, p.19).

A compreensão da forma vivida na cotidianidade supõe a análise do comportamento social relacionado aos seus motivos, finalidades e racionalidade. Tal compreensão, como um método particular das ciências sociais, para a apreensão do contemporâneo, adota a investigação do mundo da vida face a situações qualitativas, tendo como forma mais profícua a de identificar características típicas a partir das experiências diretas e imediatas que delas se pode ter, pressupondo-se que tais características permanecerão as mesmas.

Entretanto, como é possível compreender os fundamentos da ação humana se a sua significação é subjetiva, baseada em um projeto (algo no futuro) que se propõe realizar?

Para Schutz, o mundo da vida é intersubjetivo desde o início, e as ações humanas nele exercidas são eminentemente sociais, pois elas nos colocam em relação uns com os outros. O nível mais fundamental desta relação se dá na situação face-a-face. É aí que a intersubjetividade aparece em toda sua densidade, e que o outro aparece ao pesquisador em sua unidade e em sua totalidade, sendo que tal intersubjetividade só se dá na esfera da vida prática. E é nesta que se dá a suspensão da dúvida que poderia existir em relação ao mundo social vivido.

Para atingir este mundo social vivido, a ciência só pode recorrer à apreensão das coisas sociais enquanto significativas, haja vista que a ação exteriorizada se desenvolve em vista de um projeto. Aprender esta ação em processo, na situação face-a-face, torna-se impossível, haja vista que ela se cristaliza e escapa de tal sorte que não se pode jamais apreender em ato, mas tão-somente enquanto já realizada.

A atitude não reflexiva, quando da ação em processo, está voltada para os objetos de suas ações e de seus pensamentos. Diferentemente, a atitude reflexiva se volta para os próprios atos e o próprio pensamento. Atos e pensamentos se tornam objetos de um novo ato: o ato da reflexão. Assim, Schutz conclui que a consciência de si só pode ser experimentada no modo pretérito. Este processo, segundo FORGHIERI (1993), é denominado de “redução fenomenológica”, consistindo em duas etapas: o envolvimento existencial seguido do distanciamento reflexivo.

O presente vivo pertence à atitude natural, pré-reflexiva, e é nele que se encontram os objetos dos atos do sujeito e dos outros sujeitos, enquanto objeto dos atos do sujeito, com os quais entra em comunicação.

No processo de comunicação com o outro, no presente imediato, ocorre uma simultaneidade viva, permitindo a participação do eu no fluxo do pensamento do outro, apreendendo a sua subjetividade. Isso significa que a estrutura da consciência do outro é semelhante à estrutura da consciência do eu; que o fluxo de sua consciência é unificado com a do pesquisador.

É a isto que Schutz denomina de experiência “interna” da existência do outro, a qual não deve ser confundida com a idéia de conhecimento dos pensamentos dos outros. Na experiência da existência do outro o ego está sempre ligado ao nós. E é no presente vivo que se dá a comunicação social originária.

A experiência direta do mundo social diz respeito a tudo que está a volta do sujeito: a condição para que se

tenha uma experiência direta do próximo é a de que ele divida com o sujeito um setor do tempo e do espaço. Existirá, então, uma simultaneidade dos dois fluxos de consciência.

É na situação face-a-face que a vida consciente do semelhante aparece melhor para o pesquisador, pois é nesta relação que se tem o maior número de indicações (gestos, maneiras, entonações da voz etc.), além das expressas conscientemente, permitindo uma aproximação vivencial que possibilita uma maior e melhor compreensão do ser humano.

Na relação face-a-face apreende-se diretamente o outro e, com o passar do tempo, permite-se que se conheça os conjuntos típicos dos motivos que levam à ação de alguém. Esta relação face-a-face é a mais propícia para isto; ela confere ao mundo que está à disposição do sujeito um caráter intersubjetivo e social.

A observação direta, para Schutz, é a mais rica para se atingir a expressão do mundo social face-a-face. A apreensão dos motivos, pelo pesquisador, será tanto melhor quanto mais próximo estiver do contexto da relação face-a-face, possibilitando um melhor entendimento do fenômeno, em sua complexidade e riqueza de significações pois “...a possibilidade de entender é que constitui a essência da existência humana: é pelo entendimento que as coisas podem ser ou ter significado no mundo de um ser humano.” (MASINI, 1982, p.38).

A descrição do mundo social que está na possibilidade da experiência direta do pesquisador diz respeito a estar em relação ao que se desenvolve entre os agentes da ação, ou mesmo ser agente dela.

A compreensão da ação é subjetiva, de significação subjetiva. Esta significação é interpretada pelo agente a partir dos motivos, agora tornado comuns. E estes últimos são acessíveis ao observador a partir da ação já realizada, prestando-se à compreensão e à reconstrução.

Ressalte-se que Schutz destaca que não se pode ter uma compreensão idealmente perfeita, mas ela existe e não deixa de ocorrer, verificando-se graças à reciprocidade de perspectivas dos envolvidos, cujos intercâmbio de pontos de vista e acordo prático frente as escolhas possíveis constituem os seus fundamentos.

Segundo CAPALBO (1979, p.97), “...o modo de colaboração indica que o vivido comum é que faz parte do conjunto da experiência, e que ele é um co-operar, co-realizar. Colaborar é poder agir sobre as coisas em comum, é exercer uma mesma profissão, viver a rede das funções sociais etc. A compreensão entre os homens se faz, portanto, quando se realiza uma obra comum. É esta tarefa que faz com que a multiplicidade de perspectivas e de interesses possa convergir para um centro comum.”

A DINÂMICA DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICO

O método fenomenológico trata de desentranhar o fenômeno, pô-lo a descoberto, desvendá-lo para além da aparência, apegando-se somente aos fatos vividos da experiência, e até mesmo mais do que a isto, segundo FORGHIERI (1993, p.54), apegando-se não aos "...fatos em si mesmo, mas sim aos seus significados."

Para tanto utiliza-se fartamente de relatos descritivos das características do fenômeno em estudo; porém, não de forma passiva, mas por uma reflexão que permita interpretar tais relatos, objetivando pôr a descoberto as características, as categorias, os sentidos menos aparentes, aqueles mais fundamentais do fenômeno. É por meio dessa reflexão que se dá a apropriação do nosso ato de existir, promovida por uma crítica aplicada às obras e atos - uma interpretação dos símbolos dessas obras e atos.

De acordo com RICOEUR *apud* MASINI (1989, p.63-64), "... entende-se :

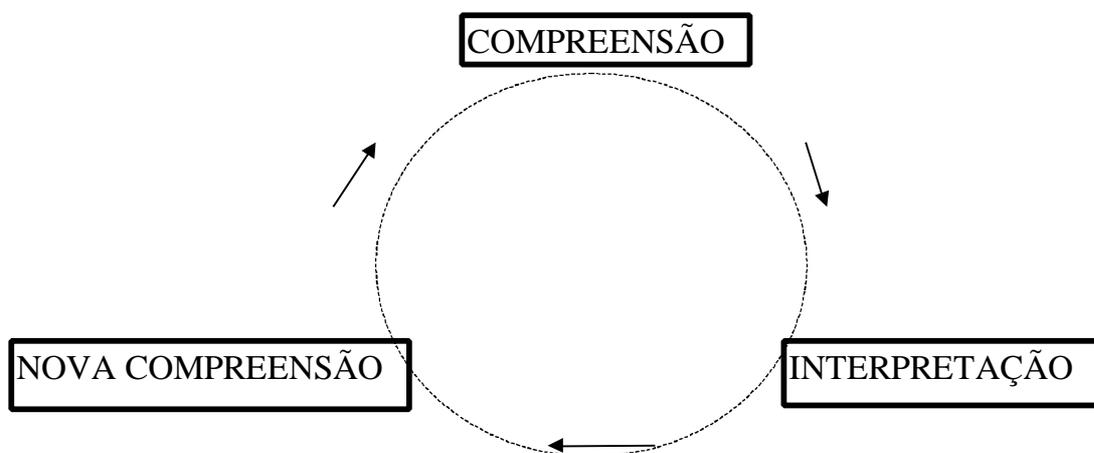
- a Descrição como um caminho de aproximação do que se dá, da maneira que se dá e tal como se dá. Refere-se ao que é percebido do que se mostra (fenômeno), não se limitando à enumeração dos fenômenos como no

positivismo, mas pressupõe alcançar a essência do fenômeno;

- a Interpretação: trabalho intelectual que consiste em decifrar o sentido aparente, em desdobrar os sinais de significação implicados na significação literal... há interpretação onde houver sentido múltiplo e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos se torna manifesta;
- Símbolo: estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa por acréscimo outro indireto, secundário, figurado, que não pode ser entendido senão através do primeiro".

Assim, segundo BECK (1994, p.125), "a reflexão hermenêutica consiste na dialética da interpretação do significado dos dados de pesquisa como um movimento dinâmico para compreensões mais profundas". Dessa maneira, a apropriação do conhecimento se dá por meio do círculo hermenêutico: compreensão-interpretação-nova compreensão, como a seguir representado apenas a título de ilustração, com o intuito de facilitar o entendimento do leitor de teses de Administração não familiarizado com a abertura do enfoque fenomenológico-hermenêutico:

FIGURA 01: O círculo hermenêutico.



É este movimento que estrutura a análise fenomenológica dos relatos onde se busca o significado manifesto de cada situação, sem a utilização de qualquer quadro categorial apriorístico como referência (MASINI, 1989). De modo simplificado, pode-se dizer que esta análise se desenvolve de acordo com as seguintes etapas:

1. Reunião de dados do vivido, fixado em sucessivos registros/relatos;

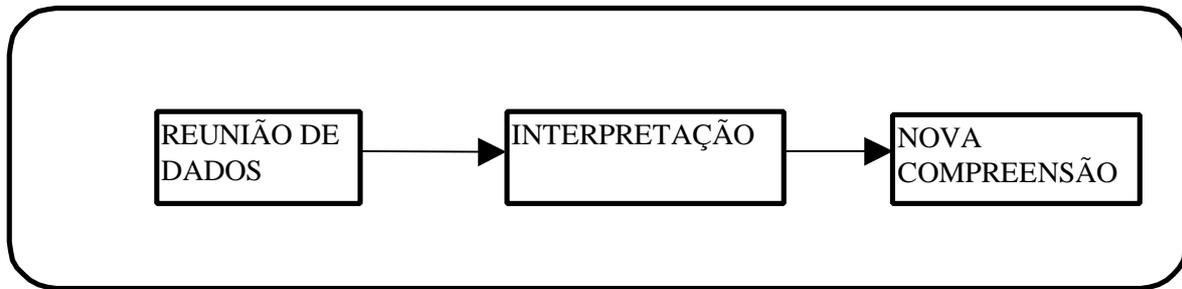
2. Análise/constituição de uma interpretação desses relatos do vivido;
3. Nova compreensão do fenômeno, que se concretiza em uma nova proposta, repetindo-se o círculo.

Estas etapas de análise, no entanto, devem ser executadas à luz da redução (*epoché*) eidética, segundo BOCHENSKI *apud* ASTI-VERA (1980), e representado na figura a seguir. De acordo com

FORGHIERI (1993, p.59), esta redução fenomenológica consiste "...numa profunda reflexão que nos revele os preconceitos em nós estabelecidos e

nos leve a transformar este condicionamento sofrido em condicionamento consciente, sem jamais negar a sua existência."

Figura 02: As etapas de análise à luz da redução eidética



REDUÇÃO EIDÉTICA

A redução ou *epoché* é caracterizada pela busca do fenômeno enquanto algo puro, livre dos elementos pessoais e culturais, e que, por conseguinte, promoverá o alcance da essência, ou seja, daquilo que faz com que o objeto seja o que é e não outra coisa.

Esta *epoché* ou redução eidética tem várias regras, de acordo com BOCHENSKI *apud* ASTI-VERA (1980). As primeiras são de natureza negativa (o colocar entre parênteses) consistindo dos seguintes passos:

- eliminação do subjetivo: assumir atitude objetiva frente ao dado;
- exclusão do teórico: eliminação momentânea de toda hipótese, teoria ou qualquer conhecimento prévio;
- suspensão da tradição: exclusão das tradições das ciências e das autoridades humanas.

As segundas são positivas, possuindo os seguintes passos:

- ver todo o dado, e não somente alguns aspectos do objeto;
- descrever o objeto, analisando as suas partes.

Desempenhadas estas atividades, a *epoché* ou redução eidética, permitirá ao pesquisador alcançar a intuição eidética ou visão do *eidós* (essência), sendo que estas se determinam pela sua universalidade. Destaque-se que se pode ter intuições intelectuais de dois tipos: da essência (eidética) do indivíduo ou categorial, classe a qual o indivíduo pertence, segundo Bochenski.

Sugestão de exposição e operacionalização do enfoque apresentado em um ambiente organizacional

Segundo SCHRADER (1974, p.74), "... os dados das ciências do comportamento não são movimentos puros, mas ações - ou seja, atos praticados dentro de certa perspectiva que lhes dá significado e objetivo..." e por conseguinte "... as ciências sociais são construções a partir do mundo da vida, tornando a compreensão relativa às intenções do espírito que em sua manifestação as expressa. Por isto o pesquisador pode conhecê-las."

Em atenção aos propósitos de um estudo de natureza social, com este enfoque, buscam-se os fundamentos mais profundos (essências) envolvidos nas ações sócio-administrativas praticadas pelos administradores, no que diz respeito aos aspectos dos fenômenos em estudo e preponderantes no embasamento das ações administrativas intra-organizacionais do universo do trabalho.

A finalidade da pesquisa não deveria estar em acumular fatos do mundo existencial mas em compreendê-los, haja vista que, de acordo com FORGHIERI (1993, p.54), "...o que percebemos não são os fatos em si mesmo, mas sim os seus significados". Esta compreensão dar-se-á pela observação e pelo exame direto dos fenômenos, provido de uma indagação significativa referente à fundamentação da vida social intra-organizacional tal qual ela se apresenta na cotidianidade.

Esta tipologia da pesquisa aproxima-se da apresentada por ROESCH (1996) como pesquisa básica, buscando entender e explicar certas características fundamentais dos fenômenos. De acordo com MARTINS (1994b, p.30), esta pesquisa também pode caracterizar-se como daquelas que se enquadram dentro da "... tipologia de pesquisa naturalística [que] é caracterizada pela variedade de estratégias de pesquisa que compartilham um interesse comum em descrever o comportamento humano representativo daquele que ocorre na vida real, tal qual ocorre naturalmente e nas circunstâncias espontâneas que o geram".

Assim, a abordagem metodológica aqui sugerida pode ser entendida como básica, naturalística e compreensiva-descritiva, seguindo o método fenomenológico-hermenêutico, buscando "Ir às coisas mesmas", o que consiste em não se deter na experimentação sensível. Desta feita, a presente sugestão de pesquisa realiza-se à luz de alguns princípios gerais, dos quais deve-se ressaltar a preocupação do pesquisador em atentar:

- à própria participação, tanto quanto ao pesquisado, buscando participar autenticamente, sem encobrir-se com princípios teóricos;
- à sistematização da própria participação por meio de um ritmo e equilíbrio na ação e reflexão.

Construindo um Novo Saber

Como visto, o modelo sugerido para uma pesquisa mais conceitualmente embasada é de natureza compreensivo-descritivo e com enfoque fenomenológico-hermenêutico, o que torna imperativo a exposição do pesquisador ao mundo vivido que se propõe compreender, haja vista que segundo SANDERS (1982, p.353), "a tarefa do pesquisador fenomenológico é a investigação descritiva dos conteúdos do fenômeno consciente, ambos objetivos e subjetivos em si mesmo."

Cabe destacar que, de acordo com MARTINS e BICUDO (1989, p.97), "...a pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe... ele não está interessado apenas nos dados coletados mas nos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados /observados".

Assim, com este enfoque estar-se-á respondendo à indagação da pesquisa pela compreensão para além das aparências das ações administrativas dos agentes que ocupam cargos em qualquer nível hierárquico da organização foco do estudo, além das ações do próprio autor enquanto participante do mundo da vida administrativa da instituição. Para tanto utiliza-se

técnicas de pesquisa participante em sua variante de co-participação que, segundo SANDERS (1982), tem possibilitado o acompanhamento do desenvolvimento de inúmeras pesquisas similares.

Desta forma, no processo de coleta de dados, cabe destacar que de acordo com MARTINS e BICUDO (1989, p.97), "... para a análise do fenômeno situado, o pesquisador precisa pôr diante dos seus olhos o fenômeno que está investigando para começar pela descrição da experiência de mundo dos sujeitos que são seus objetos veiculadores de pesquisa. Para penetrar até a evidência das experiências do mundo vivido, primordialmente dado ao sujeito, inicia com o seu campo perceptual que se lhe oferece a todo momento, o qual é estruturado em aspectos múltiplos e possui, sem dúvida, um núcleo temático e seus horizontes externo e interno".

Trata-se, portanto, de se considerar a experiência pura do sujeito-pesquisador, em situações de contatos face-a-face com os agentes observados, possibilitando a observação direta e intensa do fenômeno em estudo, observações estas que geralmente se desenrolaram por tempo relativamente dilatado. Tal duração possibilita contatos bastante frequentes em situações de cooperação, em uma vivência intencional caracterizada por uma longa série de atos propositais, e dentro do que SANDS e MCCLELLAND (1990) classificam como *emic perspective*.

Tal enfoque necessitará posteriormente de um primeiro afastamento da vivência imediata do pesquisador, como passo inicial de um caminho de aproximação daquilo que se dá, onde se buscou aplicar o sugerido por REZENDE (1990, p.29), ou seja, "enumerar todos aqueles aspectos que são indispensáveis para ficarmos sabendo que fenômeno é este; não omitir nenhum aspecto que realmente integra a estrutura do fenômeno; estabelecer relações tanto no interior da estrutura fenomenal como entre a estrutura e o seu contexto" tentando identificar as principais características do relatado que possam servir de indicações que levam aos aspectos fenomênicos focados no estudo, assim referindo-se ao que é percebido daquilo que se mostra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASTI-VERA, A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre: Globo, 1980.
- BECK, Cheryl T. *Phenomenology: its use in nursing research*. 28.abr.1994. Arquivo Eletrônico: <http://elsa.dmu.ac.uk/~elsa/GASS/ns/00000047/00000047.html>. 10.jan.1996.
- BOSS, M. O-modo-de-ser-esquizofrênico à luz de uma fenomenologia Daseinanalítica. *Daseinanalyse*, v. 3, p. 5-28, 1977.

- _____. *Na noite passada eu sonhei*. São Paulo: Summus, 1979.
- BRANDÃO, Denis & Crema, Roberto. *O novo paradigma holístico*. São Paulo: Summus, 1991.
- CAPALBO, Creusa. *Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz*. Rio de Janeiro: Antares, 1979.
- COHEN, Marlene Z. & Omery, Anna. Schools of Phenomenology, In: MORSE, Janice M. (editor), *Critical issues in qualitative research methods*. London: Sage Publications, 1994, p.136-156.
- DARTIGUES, André. *O que é fenomenologia*. São Paulo: Moraes, 1992, 3a. ed.
- DENZIN, Norman K. *The Research Act: a theoretical introduction to sociological methods*. Chicago: Ill. Aldine, 1970.
- FORGHIERI, Yolanda C. *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1993.
- MARTINS, G.A. *Epistemologia da pesquisa em administração*. Tese (Livre Docência), Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994a, 110p.
- _____. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. São Paulo: Atlas, 1994b.
- MARTINS, Joel e BICUDO, Maria A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: EDUC/Moraes, 1989.
- MASINI, Elsie F.S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (organizador) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989, 1a. edição.
- _____. *Aconselhamento escolar - uma proposta alternativa*. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, 230p.
- MOURA CASTRO, Cláudio. *A prática da pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill do Brasil, 1977.
- Pryogine, I. *O fim da era das certezas*. São Paulo: Ática, 1997.
- RAY, Marilyn A. The richness of phenomenology: philosophic, theoretic and methodology concerns, In MORSE, Janice M. (editor), *Critical issues in qualitative research methods*. London: 1994, Sage Publications. p.117-135.
- REZENDE, Antonio M. *Concepção fenomenológica em educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- ROESCH, S. M. A. A dissertação de mestrado em administração: proposta de uma tipologia. *Revista de Administração*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, v.31, n.01, p.75-83, jan./mar. 1996.
- SANDS, R. G. e MCCLELLAND. Emic and etic perspectives in ethnographic research on the interdisciplinary team. In: HEADLAND, PIKE e HARRIS (editores). *Emics and etics: the insider/outsider debate*. p.32-41. Newbury Park, California, Sage, 1990.
- SANDERS, Patricia. Phenomenology: A new way of viewing organizational research. *Academy of Management Review*, vol. 7, no. 3, p. 353-360, 1982.
- SCHRADER, Achim. *Introdução à pesquisa social empírica: um guia para o planejamento, a execução e a avaliação de projetos de pesquisas não experimentais*. Porto Alegre: Globo/UFRGS, 1974.
- SPANOUDIS, S. Apresentação e introdução. In: HEIDEGGER, Martin. *Todos nós...ninguém*. São Paulo: Moraes, 1981.
- TRIVINOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1992.